

Agentes de saúde no Sul do Pará estão intoxicados

DDT e mallation trazem dores, diarreias e até tentativas de suicídio

Letícia Lins

• RECIFE. Em Conceição do Araguaia, Sul do Pará, 70% dos guardas sanitários da Fundação Nacional de Saúde (FNS) estão contaminados por produtos tóxicos, como o DDT e o mallation. Os dois inseticidas são usados de forma inadequada no combate a mosquitos transmissores de malária e dengue. A contaminação causou nos servidores dores, desmaios e fraqueza. Alguns não conseguem nem caminhar. Há registros de irritabilidade excessiva e tentativas de suicídio.

O problema já foi comunicado ao Ministério da Saúde pela Confederação Democrática dos Trabalhadores do Serviço Público Federal (Condsef). Mas, como até o momento nenhuma providência foi tomada, a Condsef encaminhou denúncia à Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo o diretor-executivo da Condsef, Guilherme Brito Rodrigues Filho, 120 pessoas envolvidas na aplicação de inseticidas foram submetidas a exames toxicológicos. Destas, 84 estavam contaminadas por mallation e DDT, tão tóxico, que seu uso na agricultura é oficialmente proibido.

Sindicalista: 'Só o Brasil usa DDT em saúde pública'

De acordo com Sedício Monteiro, da Condsef em Belém, o Brasil é o único país do mundo que ainda usa o DDT em saúde pública. Ele afirmou que os intoxicados não são afastados do contato com o veneno e chegam a dormir junto aos produtos tóxicos, armazenados em barracos armados no interior do estado.

— Eles só são medicados de forma momentânea, de acordo com os sintomas apresentados no momento em que chegam ao hospital. Muitos já foram tratados como se tivessem apendicite ou diarreia — afirma Vicente Santana Dias, coordenador de saúde da Condsef no Pará.

Segundo ele, a população também corre risco de envenenamento. A FNS só autoriza cem exames toxicológicos mensais por estado, quando o número de trabalhadores envolvidos nessas operações é muito maior. Só em Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, eles são 284.

Pesquisadores criticam métodos adotados pela Saúde

Os casos foram levados ao Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, da Fiocruz, em Recife, onde os cientistas Leda Régis, André Furtado e Lia Girardo criticam os métodos tóxicos e caros adotados pelo Ministério de Saúde para combater as endemias. Leda e Furtado já desenvolveram vários trabalhos de controle biológico dos mosquitos transmissores de doenças, sem prejudicar a saúde dos agentes. Mas, até agora, as práticas não foram adotadas, embora sejam utilizadas com sucesso em outros países e recomendadas pela OMS.

— O DDT tem ação sistêmica, altera o sistema nervoso central e periférico, é hepatotóxico, danifica o sistema imunológico e tem substâncias cancerígenas. Além disso, é bioacumulativo. Vai se acumulando nos tecidos gordurosos do corpo humano e dificilmente é eliminado do organismo. Há estudos em vários lugares do mundo mostrando que os que estão expostos a ele ficam com depressão e tendência ao suicídio — disse Lia Girardo.

Segundo Guilherme Brito Rodrigues Filho, do Condsef, três agentes investigados já tentaram o suicídio. Lia acrescentou que, embora tido como menos tóxico do que o DDT, o mallation também tem substâncias cancerígenas. Esses dois produtos praticamente eliminam os inimigos naturais dos mosquitos transmissores de doenças.

— O problema dos agentes do Pará deve ser encarado como um problema nacional, já que as práticas equivocadas de lá são adotadas em todo o país — advertiu a pesquisadora da Fiocruz.

A Secretaria estadual de Saúde do Pará informou que o DDT será substituído por um inseticida menos tóxico, o Etofeatrox. ■